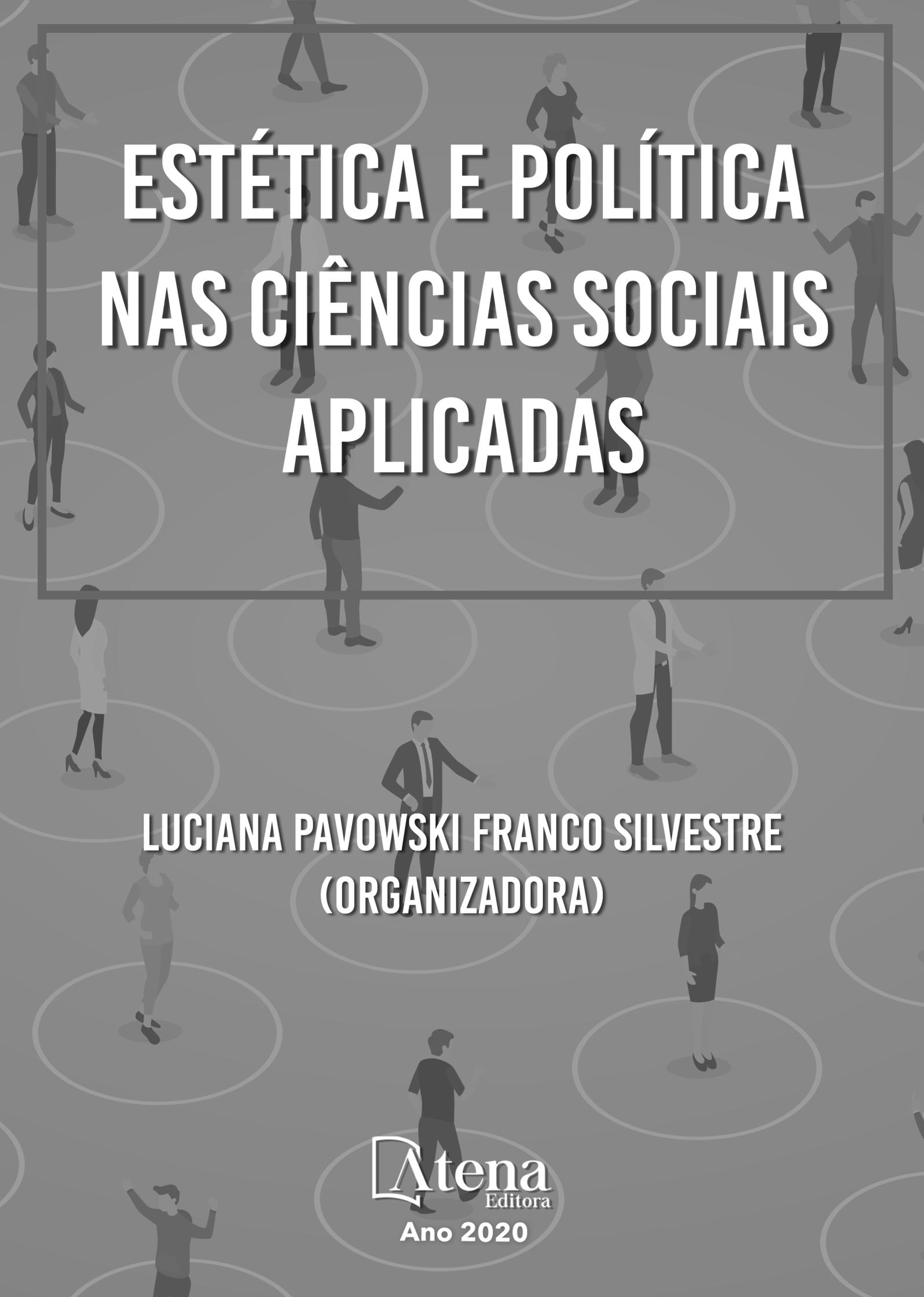
The background features a repeating pattern of stylized human figures in various poses, each standing on a light-colored circular base. The figures are rendered in a flat, illustrative style with muted colors. A large, dark green rectangular frame is superimposed over the upper portion of the cover, enclosing the main title.

ESTÉTICA E POLÍTICA NAS CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

**LUCIANA PAVOWSKI FRANCO SILVESTRE
(ORGANIZADORA)**

Atena
Editora
Ano 2020



ESTÉTICA E POLÍTICA NAS CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

**LUCIANA PAVOWSKI FRANCO SILVESTRE
(ORGANIZADORA)**

Atena
Editora

Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremonesi

Karine de Lima

Luiza Batista 2020 by Atena Editora

Maria Alice Pinheiro Copyright © Atena Editora

Edição de Arte Copyright do Texto © 2020 Os autores

Luiza Batista Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Revisão Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora

Os Autores pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

- Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Prof^a Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Estética e política nas ciências sociais aplicadas

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário: Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Luiza Batista
Edição de Arte: Luiza Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Luciana Pavowski Franco Silvestre

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

E79 Estética e política nas ciências sociais aplicadas [recurso eletrônico] / Organizadora Luciana Pavowski Franco Silvestre. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-212-8

DOI 10.22533/at.ed.128202707

1. Antropologia. 2. Pluralismo cultural. 3. Sociologia. I. Silvestre, Luciana Pavowski Franco.

CDD 301

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A Atena Editora apresenta através do e-book “Estética e Política nas Ciências Sociais Aplicadas” vinte e quatro artigos com pesquisas que contribuem para a identificação, análise e reflexão sobre as relações existentes entre os aspectos territoriais, produção industrial e desenvolvimento tecnológico com as formas de vida em sociedade, permitindo a identificação dos impactos causados nesta.

Através das pesquisas em que se aborda o território, é possível identificar uma amplitude de relações estabelecidas com fatores como processos migratórios, barreiras, fronteiras, políticas indigenistas, violência pobreza e cidadania.

A tecnologia aparece como objeto de estudo para análise de crimes transfronteiriços e processos de gestão pública, identificando-se as possibilidades de processamento de informações e tomadas de decisão.

Otimização e competitividade aparecem como elementos centrais nas pesquisas voltadas para os processos industriais e produção de mercado. A partir de metodologias que envolvem consumidores e gestores enquanto sujeitos do processo de pesquisa, estas estabelecem relações também com os aspectos territoriais e tecnológicos, identificando-se a interdisciplinaridade entre as pesquisas que compõem o e-book que se apresenta.

Esperamos que o e-book possa contribuir com o compartilhamento das pesquisas realizadas, fortalecimento da ciência como instrumento de democratização do conhecimento, bem como, que favoreça a realização de novos estudos e desvelamento da realidade.

Boa leitura a todos e a todas.

Luciana Pavowski Franco Silvestre.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A “GRANDE CORUMBÁ” E OS DESAFIOS DOS CRIMES TRANSFRONTEIRIÇOS EM FACE DAS NOVAS FERRAMENTAS VIRTUAIS	
Manix Gonçalves dos Santos Marcos Sérgio Tiaen Luiz Gonzaga da Silva Junior	
DOI 10.22533/at.ed.1282027071	
CAPÍTULO 2	15
A CONSTRUÇÃO DO IDEÁRIO NACIONAL NO BRASIL: IMIGRANTES ALEMÃES E ESCOLARIZAÇÃO NO SUL DO BRASIL	
Samuelli Cristine Fernandes Heidemann Regina Coeli Machado e Silva	
DOI 10.22533/at.ed.1282027072	
CAPÍTULO 3	27
BARREIRAS NA PAISAGEM DA CIDADE : A AVENIDA FARRAPOS E O QUARTO DISTRITO	
Simone Back Prochnow Silvio Belmonte de Abreu Filho	
DOI 10.22533/at.ed.1282027073	
CAPÍTULO 4	41
ATIVIDADE PESQUEIRA NOS RIOS TOCANTINS E ARAGUAIA A PARTIR DA COMPARAÇÃO DA PESCA EM DUAS COLONIAS DE PESCADORES NO ESTADO DO TOCANTINS	
Lilyan Rosmery Luizaga de Monteiro Adolfo da Silva-Melo	
DOI 10.22533/at.ed.1282027074	
CAPÍTULO 5	54
GUERRA DE BAIXA INTENSIDADE E SUA DIMENSÃO ADMINISTRATIVA: REGIME TUTELAR E A POLÍTICA INDIGENISTA BRASILEIRA EXPLÍCITAS NOS RELATÓRIOS FIGUEIREDO E COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE	
Ramiro Esdras Carneiro Batista Daniel da Silva Miranda Izaionara Cosmea Jadjesky	
DOI 10.22533/at.ed.1282027075	
CAPÍTULO 6	65
O AUMENTO NO NÚMERO DE HOMICÍDIOS EM ALTAMIRA COMO A MATERIALIZAÇÃO DOS IMPACTOS SOCIOAMBIENTAIS DA USINA HIDRELÉTRICA DE BELO MONTE	
Márcio Teixeira Bittencourt Germana Menescal Bittencourt Gilberto de Miranda Rocha Peter Mann de Toledo	
DOI 10.22533/at.ed.1282027076	
CAPÍTULO 7	76
O MEDO SOCIAL DA VIOLÊNCIA EM RAZÃO DA TRAVESSIA DA FRONTEIRA ENTRE OS BAIRROS JARDIM IRACEMA E PADRE ANDRADE	
Adriana Carvalho de Sena	

Cristiane Porfírio de Oliveira do Rio

DOI 10.22533/at.ed.1282027077

CAPÍTULO 8 82

OBRIGATORIEDADE DE CONEXÃO SIMULTÂNEA ÀS REDES DE DISTRIBUIÇÃO DE ÁGUA E ESGOTAMENTO SANITÁRIO

Claiton Barbosa

Agnes Bordoni Gattai

DOI 10.22533/at.ed.1282027078

CAPÍTULO 9 90

REPRESENTATIVIDADE E PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES RURAIS EM GOIÁS: ESTUDO SOBRE OS TERRITÓRIOS RURAIS E DE CIDADANIA DE GOIÁS

Mateus Carlos Baptista

Divina Aparecida Leonel Lunas

DOI 10.22533/at.ed.1282027079

CAPÍTULO 10 98

POBREZA: PERCEPÇÕES ESTÉTICAS, POLÍTICAS, RELIGIOSAS E ECONÔMICAS DO SER E TER

Eliseu Riscaroli

DOI 10.22533/at.ed.12820270710

CAPÍTULO 11 115

PRIORIZAÇÃO DE LOCAIS DE COLETA PARA ISOLAMENTO DE BACILLUS ANTHRACIS NA ANTÁRTICA POR PROCESSO DE ANÁLISE HIERÁRQUICA

Luiz Octávio Gavião

Adriana Marcos Vivoni

DOI 10.22533/at.ed.12820270711

CAPÍTULO 12 131

BENEFÍCIOS SOCIAIS NA PLATAFORMA GOVDATA: O USO DA CORRELAÇÃO DE DADOS COMO CRITÉRIO DE TOMADA DE DECISÃO NO SETOR PÚBLICO

Francisca Alana Araújo Aragão

Pablo Severiano Benevides

DOI 10.22533/at.ed.12820270712

CAPÍTULO 13 141

DISPOSITIVO DE PROCESSAMENTOS DE DADOS: PLACA MICROCONTROLADORA THOMPSON

João Paulo Pereira dos Santos

Michell Thompson Ferreira Santiago

DOI 10.22533/at.ed.12820270713

CAPÍTULO 14 151

IMPLEMENTAÇÃO DE LEAN SIX SIGMA PARA MELHORIA DE PROCESSOS: UM ESTUDO DE CASO EM UMA EMPRESA DE TELECOMUNICAÇÕES

Carlos Navarro Fontanillas

Eduardo Picanço Cruz

DOI 10.22533/at.ed.12820270714

CAPÍTULO 15	167
INDÚSTRIA 4.0 E MANUFATURA ADITIVA: UM ESTUDO DE CASO COM OS CONSUMIDORES DE CALÇADOS PRODUZIDOS NAS INDÚSTRIAS DE CALÇADOS DE JUAZEIRO DO NORTE	
José de Figueiredo Belém Célio Monteiro Santos José Eduardo de Carvalho Lima Murilo Barros Alves Josiano Cesar de Sousa Mirim Borchard	
DOI 10.22533/at.ed.12820270715	
CAPÍTULO 16	178
PROCESSO MANUAL DE RASTREABILIDADE DE PRODUTOS UHT EM UMA INDÚSTRIA DOS CAMPOS GERAIS	
Loren Caroline Domingues de Medeiros	
DOI 10.22533/at.ed.12820270716	
CAPÍTULO 17	184
SISTEMA JAPONÊS DE PRODUÇÃO COMO UM FATOR DE VANTAGEM COMPETITIVA: DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL DO JAPÃO NO PÓS-GUERRA	
Jéssica Pereira Soares	
DOI 10.22533/at.ed.12820270717	
CAPÍTULO 18	196
SUCESSÃO FAMILIAR: OS DESAFIOS AO LONGO DAS GERAÇÕES	
Adriano Pereira Arão Lucilia Notaroberto Sabrina Pereira Uliana Pianzoli Mônica de Oliveira Costa Farana de Oliveira Mariano Alex Santiago Leite Dyego Penna Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.12820270718	
CAPÍTULO 19	206
BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA: CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DE PESQUISA NA ÁREA DA VIGILÂNCIA EPIDEMIOLÓGICA	
Maria Aparecida de Souza Melo Bruna Moraes de Melo Patrícia Lima	
DOI 10.22533/at.ed.12820270719	
CAPÍTULO 20	215
CORPOREIDADE E IDENTIDADE RACIAL DE PROFESSORAS NEGRAS: O SER E O SABER NA PRODUÇÃO DA PEDAGOGIA ANTIRRACISTA NAS ESCOLAS	
Michele Lopes da Silva Alves Carmem Lúcia Eiterer Luiz Alberto Gonçalves	
DOI 10.22533/at.ed.12820270720	

CAPÍTULO 21	228
CROWDFUNDING: UMA ANÁLISE DO FINANCIAMENTO COLETIVO NO BRASIL	
Letícia Moraes Silveira	
Melissa Dotto Brusius	
Fernanda Silveira Roncato	
DOI 10.22533/at.ed.12820270721	
CAPÍTULO 22	241
O CONCEITO DE SECULARIZAÇÃO E A TEORIA SOCIOLÓGICA: MAX WEBER E AS ABORDAGENS CONTEMPORÂNEAS	
Jordana de Moraes Neves	
Rafael de Oliveira Wachholz	
DOI 10.22533/at.ed.12820270722	
CAPÍTULO 23	251
RELIGIÃO, ESFERA PÚBLICA E O PROBLEMA POLÍTICO: UMA CONTRIBUIÇÃO HABERMASIANA	
Edson Elias Moraes	
José Geraldo Alberto Bertoncini Poker	
DOI 10.22533/at.ed.12820270723	
CAPÍTULO 24	276
RENDA BÁSICA COMO FERRAMENTA DE COMBATE AO EMPREGO EXPLORATÓRIO	
Jônatas Rodrigues da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.12820270724	
SOBRE A ORGANIZADORA	289
ÍNDICE REMISSIVO	290

POBREZA: PERCEPÇÕES ESTÉTICAS, POLÍTICAS, RELIGIOSAS E ECONÔMICAS DO SER E TER

Data de aceite: 01/07/2020

Eliseu Riscaroli

Professor Associado 3 na UFT, na cadeira de Filosofia da Educação. Pós doutor em Democracia e Direitos Humanos pela Universidade de Coimbra – FDUC; doutor em Educação pela UFSCar. Estuda e pesquisa sobre Infância, Gênero, Direitos Humanos. Filiado à Rede de Geografia, Gênero e Sexualidade Ibero-Latino Americana REGGSILA.

Hoje começa a nossa especialização

tem Paula, Kátia, Inácio e Rafaela

Sonia, Silvana, Ana e Conceição

arrume tempo, estude, não fique na janela.

Educação, pobreza e desigualdade social

causas, tipos, consequências e formas,

gente de várias cores e cidades é legal,

escrita, estudo, cronograma e

normas.

Ei, professor! Meu nome não está na lista,

Calma, gente, isso é com Lauro...

Anota, escreve, dá uma pista..

não estavam Verônica, Silvano nem o Paulo.

Já cheguei atrasado é verdade,

mas isso não cria problema,

logo me ajeito, grito e vejo a realidade,

e no grupo resolvemos o teorema.

Agora será um tempo mais solitário,

eu, o modulo e a razão

texto, fórum, debate e dicionário.

Tem monitor, tutor e professor,

tem ava, face, link e ambiente

coordenação, avaliação e tcc é um terror,
tem filme e tem selfie de muita gente.

Aqui não cabe seu preconceito,
pobreza é um tema bem complexo
estude, pergunte, fale, de seu jeito,
ser moralista na casa alheia não tem nexo!

Saneamento, renda, saúde, educação,
divisão de terras, da água e do pão,
projetos, partilhas podem ser a solução,
pise firme, caminhe, deixe seu rastro no chão!

RESUMO: O conceito de pobreza e sua ‘evolução’ revela aquilo que as sociedades produzem em seu interior. O ato de pensar a pobreza poderia nos cobrar a produção de alguns retalhos sobre como nos relacionamos com este conceito que geralmente está longe, seja porque ela é algo que pertence ao outro, seja porque os retalhos nos roubam a capacidade de pensá-la como um todo coeso. Assim, a pobreza estética, a pobreza econômica, a pobreza política e a pobreza social nos dividem e nos opõem dentro de um contexto de pobreza generalizada, sem conteúdo, sem episteme, sem ética. Este conceito se robustece quando o cristianismo o eleva à categoria de ‘graça’, já que, quem o detém, estaria mais próximo da vida eterna, da salvação. A reflexão aqui proposta quer tomar a pobreza, não no seu conceito grego de desgraça esperançosa, mas como forma de entender a ‘falta’ como deficiência, como exclusão, como condenação acerca daquilo que não temos, mas, que almejamos, embora não se construam as condições para tal.

PALAVRAS-CHAVES: pobreza, estética, arte, religião e filosofia.

ABSTRACT: The concept of poverty and its ‘evolution’ reveals what societies produce within them. The act of thinking about poverty could demand the production of some scraps about how we relate to this concept that is usually far away, either because it is something that belongs to the other, or because the scraps rob us of the ability to think of it as a all cohesive. Thus, aesthetic poverty, economic poverty, political poverty and social poverty divide and oppose us within a context of generalized poverty, without content, without episteme, without ethics. This concept is strengthened when Christianity elevates it to the category of ‘grace’, since whoever holds it would be closer to eternal life, to salvation. The reflection proposed here wants to take poverty, not in its Greek concept of hopeful disgrace, but as a way to understand the ‘lack’ as a deficiency, as an exclusion, as a condemnation of what we do not have, but which we aim for, although they are not built the conditions for this.

KEYWORDS: poverty, esthetics, art, philosophy

1 | DESANUVIANDO ALGUNS CONCEITOS

Kant se refere ao termo **estética** como “a ciência de uma sensibilidade a priori” e/ou uma “crítica ao gosto”. Em Abbagnano (2000, p. 367.) é a ciência da arte e do belo que é referência clara a Kant na obra *Crítica do Juízo*. O termo ganha funcionalidade, por volta de 1750, na escrita de Baumgarten. Em relação à arte, Hegel dizia “a obra de arte só superficialmente tem a aparência da vida, pois no fundo é pedra, madeira, tela ou, no caso

da poesia, letras e palavras”. Assim, a arte pode ser concebida como ‘imitação’, ‘criação’ ou construção’. O termo **pobreza** percorre nossas sociedades, desde a Mesopotâmia, o Egito Antigo, Roma, o medievo; bate às portas da república e traz consigo um velho dilema, entre os abastados e os que não possuem bens capazes de manter sua vida cotidiana. Por certo, o tema é tratado sob ângulos diversos, a depender do local e do narrador. Embora seja originalmente uma questão socioeconômica, a pobreza encontrou nas filiações religiosas um terreno fértil para se consolidar como espaço para (re)produção de representações que justificam ou criticam essa faceta social. Como a religião católica, o candomblé, o budismo e as religiões pentecostais tratam o tema? Diz a escritura: “*bem-aventurados os pobres porque dele é o reino dos céus*” (Mt.5.3).

Não basta apenas concordar ou discordar de forma rasa sobre a relação entre pobreza e religião. Assim, Marx (1844. p. 85) ao se reportar à **religião** como ópio do povo, dizia:

“este é o fundamento da crítica religiosa: o homem faz a religião, a religião não faz o homem. E a religião é de fato a autoconsciência e o sentimento de si do homem, que ou não encontrou ainda ou voltou a se perde[...] a miséria religiosa constitui ao mesmo tempo a expressão da miséria real e o protesto contra a miséria real. A religião é o suspiro da criatura oprimida, o ânimo de um mundo sem coração e a alma de situações sem alma. A religião é o ópio do povo. A abolição da religião enquanto felicidade ilusória dos homens é a exigência da sua felicidade real[...] a crítica do céu transforma-se desse modo em crítica da terra, a crítica da religião em crítica do direito, e a crítica da teologia em crítica da política”.

O que importa é saber até que ponto uma crença religiosa impede ou impulsiona o desenvolvimento de um povo. Por meio de uma leitura ligeira dentro do cristianismo, iremos identificar duas correntes com visões opostas: o catolicismo – cuja premissa de riqueza é condenável, e o protestantismo que enxerga a riqueza como uma virtude do resultado do trabalho do homem. Desse modo nos perguntamos: Como a pobreza é retratada na pintura? Na escultura? No cinema? No teatro? Aparentemente, o estado de riqueza ou pobreza está diretamente atrelado ao grau de satisfação e felicidade que cada um sente, ou sobre o que os difere, de um ser para o outro. Mas a felicidade tem suas nuances. Em Sêneca (2003. P 49/50) *Sobre a Felicidade*, encontramos um esclarecimento sobre o tema:

“busquemos algo bueno, no em aparência, sino sólido y duradero, y mas hermoso por SUS partes escondidas, descubramoslo. No está lejos: se encontrará; sólo hace falta saber hacia donde extender la mano [...] La vida feliz es, por tanto, La que está conforme com su naturaleza; ló cual no puede suceder más que si, primero, el alma está sana y en constante posesión de su salud; en segundo lugar, si es enérgica y ardiente, magnánima y paciente, adaptable a las circunstancias, cuidadosa sin angustia de su cuerpo y do lo que le pertenece, atenta a lãs demás cosas que sirven para la vida, sin admirarse de ninguna; si usa de lós dones de la fortuna, sin ser esclava de ellos”.

Embora carregue uma visão epicurista da felicidade, Sêneca oferece uma lição profunda acerca da posse de riquezas: a vida feliz deve ser magnânima e paciente, cuidadosa e sem angustia com o corpo. Corpo morada da morte, que aflige a todos,

sobretudo os que não pensam nisso como parte da existência. Veem o corpo apenas como fonte de beleza fugas, máquina de trabalho, nunca como espaço do espírito.

Pobreza e **morte** têm sido parceiras. Atormentam os povos, movimentam a economia, derrubam bolsas, encarecem a comida, assolam nações, espalham aflições pelo mundo onde o corpo só se ocupa do trabalho, do belo, da felicidade, dos prazeres. Mas o corpo é a morada da morte, ela precisa do corpo, é o seu território. O autor português Saramago (2006. pg. 20ss) desvelou em seu livro *Intermitências da Morte*, a relação direta dessa com as questões mais gerais de uma sociedade como religião, sistema de saúde e economia:

“sem morte não há ressurreição, não há igreja, ó diabos [...] a morte é absolutamente fundamental para a realização do reino dos céus e, não havendo ressurreição, então não teria sentido haver igreja [...] depois de consultar o primeiro ministro, o secretário de saúde exarou o seguinte despacho: considerando a imparável sobreocupação dos internados que já começa a prejudicar seriamente o até agora excelente funcionamento do nosso sistema hospitalar, o governo aconselha e recomenda que as instituições hospitalares que, após análise rigorosa, casa por caso, da situação clínica dos doentes que se encontram naquela situação e confirmando a irreversibilidade dos respectivos processos mórbidos, sejam eles entregues aos cuidados das famílias, assumindo os estabelecimentos hospitalares a responsabilidade de assegurar aos enfermos, sem reserva, todos os tratamentos e exames que seus médicos de cabeceira ainda julguem necessários e aconselháveis”.

E mais a frente tece uma escrita suave e delicada sobre este tema tão caro à humanidade. Nessa obra o gajo discorre:

[...] a morte afagou as cordas do violoncelo, passou suavemente as pontas dos dedos pelas teclas do piano, mas só ela podia ter distinguido o som dos instrumentos, um longo e grave queixume primeiro, um breve gorjeio de pássaro depois, ambos inaudíveis para os ouvidos humanos, mas claros e precisos para quem desde há tanto tempo tinha aprendido a interpretar o sentido dos suspiros. Ali, no quarto ao lado, será onde o homem dorme. A porta está aberta, a penumbra, não obstante ser mais profunda que a da sala de música, deixa ver uma cama e o vulto de alguém deitado. A morte avança, cruza o umbral, mas detém-se, indecisa, ao sentir a presença de dois seres no quarto. Conhecedora de certos factos da vida, embora, como é natural, não por experiência própria, a morte pensou que o homem tivesse companhia, que ao seu lado estaria dormindo outra pessoa, alguém a quem ela não havia enviado a carta cor de violeta, mas que nesta casa partilhava o aconchego dos mesmos lençóis e o calor da mesma manta. Aproximou-se mais, quase a roçar, se tal coisa se pode dizer, a mesa de cabeceira, e viu que o homem estava só. Porem, do outro lado da cama, enroscado sobre o tapete como um novelo, dormia um cão mediano de tamanho, de pelo escuro, provavelmente negro. (2006. p.156)

2 | POBREZA SOCIAL E ECONÔMICA

De modo geral, se associa à pobreza a falta de elementos que dão sustentação à vida cotidiana das pessoas. Mas o excesso também causa pobreza: mortes demais **empobrecem** uma sociedade. O Coronavírus¹ (Covid-19) pode ser um exemplo. A morte

1. Um vírus descoberto em dezembro de 2019 na cidade Wuhan (China) se alastrou pelo mundo em quatro meses, atingindo cerca de um milhão e trezentos mil contaminados e 72 mil mortos, sobretudo idosos e pessoas acometidas de doenças que provocam imunossupressão (hipertensão, hepatite, pneumonia, cardíacos, tuberculose, portadores de HIV, outras doenças pré existentes que diminuem a resistência do paciente). Inicialmente considerada como apenas uma versão de gripe, logo causa a maior tormenta mundial: cidades em quarentena, aeroportos fechados ou com operações restritas,

e sua relação direta com a economia. Para preservar a vida, uma sociedade adota a reclusão, todavia, isso reverbera no turismo, na vida de estudantes de todo o mundo, na produção de equipamentos hospitalares e cuidados dos doentes, provocando disputas nada éticas por suprimentos médicos. Se a falta de alimentação mínima e saneamento tem sido apontada como principal fator para agravamento da pobreza, no caso da Covid-19 a questão é a higienização pessoal diária do indivíduo a principal forma de disseminação. De todo modo, alimentação-saúde-saneamento tem sido o tripé sob o qual os governos devem focar sua atenção, pois no final os pobres são, em última análise, os que sofrem as maiores consequências de uma pandemia.

Segundo levantamento da Organização das Nações Unidas, os números da pobreza diminuíram nos últimos 30 anos, todavia, com as tecnologias disponíveis, ainda há cerca de 800 milhões de pessoas em extrema pobreza. Conforme se percebe na tabela, a cada oito pessoas, uma continua na extrema pobreza:

Ano	Numero de pessoas em extrema pobreza (milhões)	% da pop. mundial
1990	1850	35
1996	1855	28,8
2002	1666	25,3
2010	1078	15,6
2013	767	10,7

Quadro 01 – população e proporção de pobres – ONU - 2016

Fonte: ONU. 2016.

De acordo com o relatório, a proporção da população mundial vivendo abaixo da pobreza extrema caiu para mais da metade entre 2002 e 2012. A proporção de crianças sofrendo de nanismo com menos de 5 anos caiu de 33% em 2000 para 24% em 2014. Entre 1990 e 2015, os indicadores de mortalidade materna no mundo caíram 44%, enquanto o número de mortalidade de crianças com menos de 5 anos caiu para menos da metade. Em 2015, 6,6 bilhões de pessoas, ou 91% da população global, usaram uma fonte melhorada de água potável, comparados a 82% em 2000. Além disso, a assistência oficial ao desenvolvimento totalizou 131,6 bilhões de dólares em 2015, aumento de 6,9% em termos reais na comparação com 2014 e representa o nível mais alto já alcançado. (ONU. 2016.)

Por outro lado, os desafios para cumprir os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), são inúmeros: governos mais fechados, recrudescimento das fronteiras, valorização da população interna, desrespeito aos pactos relativos ao meio ambiente – vide governo Trump – guerras, ressurgimento de posições políticas xenófobas que supervaloriza a endogenia, posições apolíticas de homens públicos dentro de partidos políticos, se reclassificando como não políticos - se a maioria dos países sequer conseguiu cumprir

escolas e universidades com aulas suspensas. Fonte: <https://www.otempo.com.br/coronavirus> e <https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/doencas/covid-19.htm> acesso em 06 de abril de 2020.

os Objetivos do Milênio, o que se dirá dos ODS, num tempo em que se assoberba o individualismo, seja de estado, seja o tecnológico que, por exemplo, na mesa de um restaurante, cada pessoa se ocupa de seu smartphone e de verificar se sua foto recebeu *likes*.



Figura 1 – Objetivos do Desenvolvimento Sustentável.

Fonte: [HTTP://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/politica-externa/desenvolvimento-sustentavel-e-meio-ambiente/134-objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel-ods](http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/politica-externa/desenvolvimento-sustentavel-e-meio-ambiente/134-objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel-ods)

A taxa de pobreza no Brasil também manteve a tendência de queda no País. Ou seja: em 2014, alcançou 7,3% da população, o que representa uma queda de quase 70% em relação a 2004. Todavia, há indícios fortes de elevação depois do *impeachment* da presidente Dilma, em abril de 2016. Daí, em diante, verificou-se aumento de desemprego; programas sociais sofreram cortes significativos, apesar de o governo afirmar que Programa Bolsa Família (PBF) não sofreu cortes, sabemos que ele é parte de uma teia de programas que se coaduna para baixar os níveis de pobreza.

Nesse sentido, são proposições do Brasil, até 2013, para a erradicação da pobreza:

- Até 2030, erradicar, em todos os estágios de vida, a pobreza extrema, medida pelo número de pessoas que vivem com menos de US\$ 1,25 PPP por dia;
- Reduzir a proporção de pessoas vivendo abaixo das linhas nacionais de pobreza, em 2030;
- Promover a busca ativa da população, em extrema pobreza, para que todos os serviços e políticas públicas possam chegar com prioridade a esta população;

- Garantir, nacionalmente, até 2030, amplo acesso à proteção social com foco nas populações mais vulneráveis;
- Reduzir os impactos de desastres sobre populações vulneráveis;
- Implementar, em 2030, pisos de proteção social nacionais, com foco nas populações mais vulneráveis, observando questões de gênero, idade, raça, etnia, religião, orientação sexual e identidade de gênero, ou condição de deficiência, entre outros;
- Aumentar a resiliência das populações mais vulneráveis e reduzir as mortes e perdas econômicas relacionadas a desastres;
- Atingir emprego decente e produtivo para todos, com foco nas populações mais vulneráveis, observando questões de gênero, idade, raça, etnia, religião, orientação sexual e identidade de gênero, ou condição de deficiência, entre outros;
- Promover o crescimento econômico sustentável e inclusivo, como facilitador da erradicação da pobreza;
- Integrar a proteção ambiental nas estratégias de erradicação da pobreza, com garantias à proteção do modo de vida das populações tradicionais. (Brasil. 2014).

No caso interno, a crise instaurada pós *impeachment* não mostra sinais animadores ao cumprimento das metas, pelo contrário.

3 | POBREZA E RELIGIÃO

A religião foi utilizada, em grande parte da história, para legitimar uma certa postura de resignação com a pobreza, em troca, ela prometia a salvação, “*é mais fácil um camelo passar no fundo da agulha do um rico entrar no reino dos céus*” (Lucas: 18 24-25). Todavia, em sua Suma Teológica, Tomaz de Aquino não refuta a riqueza, ao contrário, exalta-a:

“Las riquezas exteriores son necesarias, sin duda alguna, para el bien de la virtud, en cuanto que por ellas sustentamos el cuerpo y socorremos a los demás. Por otra parte, es necesario que lo que se ordena al fin de él reciba su bondad. Por lo tanto, es menester que las riquezas exteriores sean un bien del hombre, aunque no principal, sino secundario; pues el fin es esencialmente bueno, y las demás cosas, en cuanto que a él se ordenan. Por esto pareció a algunos que las virtudes eran los mayores bienes del hombre, y las riquezas exteriores, bienes ínfimos. Es, pues, necesario que lo que se ordena al fin reciba su modalidad según la exigencia del fin. Por consiguiente, las riquezas son buenas en cuanto son útiles al ejercicio de la virtud” (AQUINO, cap. 133).

Pesquisa do instituto Gallup (2010) indica que, em países pobres, as pessoas recorrem mais à religião, sendo constatado cerca de 95% da população de países como Bangladesh, Níger e Indonésia, com renda de até R\$ 3.309,00, ao contrário da Suécia e Dinamarca onde o índice é de 47%. Segundo a pesquisa, que ouviu 1.000 pessoas em cada um dos 114 países, há uma tendência em acreditar que a ajuda divina vai resolver seus problemas. É o que explica o crescimento das Igrejas neopentecostais no Brasil, por exemplo, que pregam a teologia da prosperidade, com a universal e a mundial.

No budismo, essa relação não é direta. Ele não prega que o propósito da vida seja

a riqueza, possuir coisas. Ao contrário, no cristianismo, Adão foi condenado, não pela posse da maçã, mas pela soberba, a desobediência. O budismo não considera os bens materiais, um fim em si mesmo, mas meio para um fim nobre, elevado. Desse modo o budismo considera essenciais certas condições materiais para que a pessoa alcance êxito espiritual. Buda considerava o contexto social e econômico como parte de um todo. Vejamos o que o texto no budismo na Digha-nikaya², N. 26:

la pobreza (*daliddiya*) es la causa de la inmoralidad y de crímenes tales como el robo, la falsedad, la violencia, el odio, la crueldad, etcétera. Tanto los reyes de la antigüedad cuanto los gobiernos de nuestros días, han buscado la supresión del crimen mediante el castigo. El *Kutadanta-sutta* del *nikaya* citado, expresa cuan fútil es este método y niega que el mismo pueda tener éxito. En lugar de ello, el Buda sugiere que para erradicar el crimen es preciso mejorar las condiciones económicas del pueblo: prover de grano y otras facilidades agrícolas a los granjeros y labradores, poner capitales a disposición de los mercadores y de todos los que negociaren, así como pagar salarios adecuados a los empleados. Cuando el pueblo esté así provisto de los medios para obtener un ingreso suficiente, estará satisfecho, libre del miedo y la ansiedad y, por consiguiente, en el país reinará la paz y desaparecerá el crimen. Por eso el Buda les dijo a los laicos cuan importante era que mejorasen su situación económica. Mas ello no significa que haya aprobado el atesoramiento de la riqueza con avidez y apego, lo cual es contrario a su enseñanza fundamental, ni tampoco que haya dado por buenas todas las maneras de ganarse la vida, pues, como hemos visto más arriba, existen ciertos comercios que él condenó como medios de vida nocivos, por ejemplo, la fabricación y la venta de armas.

Assim, é possível tomar a religião como forma de agir no mundo cuja funcionalidade se fundamenta em Durkheim (1989) ou tomá-la para entender o significado das práticas e crenças religiosas alicerçada em Geertz (1979 APUD Mariz, 1901). Mas há o denominado “novo pentecostalismo” que aparentemente tem se apossado do objeto e cuja ação alienadora tem se tornado empecilho para a mudança social, que podem ser analisadas e/ou enfrentadas sob o ponto de vista material, político ou cultural (Mariz. 1991). Em qualquer dos casos e para toda filiação, se sobressai a prática de uma ‘caridade da pobreza’, rede de apoio e de cargos para os líderes.

Se, em parte do catolicismo, a pobreza é encarada como um problema político, nas pentecostais, no budismo e nas religiões de matriz africana, se prega e se manifesta certa neutralidade. Todavia, o “novo pentecostalismo” tem se inserido cada vez mais na política como estratégia de ocupação de cargos e expansão de sua ‘ideologia’. De outro lado, a ética de Weber, se materializa aqui como estratégia cultural de perceber/vencer/ascender a uma nova etapa do capitalismo. O pobre não quer eliminar os entraves estruturais da pobreza, ele quer deixar de ser pobre individualmente, ter bens, consumir, viajar, fazer seu churrasco no fim-de-semana e praticar alguma caridade quando for possível. A ação de pensar em estratégias para combater as estruturas que tornam a pobreza estrutural, histórica é coisa de cientista, intelectual, padre engajado ou alguém de classe média festiva. Vale lembrar que, na ética pentecostal, consumir menos é premissa mais

2. Coleções dos longos discursos” é uma escritura Budista, a primeira divisão do Sutta Pitaka, e é composto por trinta e quatro suttas, agrupados em três vaggas ou divisões, quais sejam: *Silakkhandha-vagga* - A Divisão relativa à moralidade (13 suttas) *Maha-vagga* - A Divisão maior (10 suttas) e *Patika-vagga*- A Divisão Patika (11 suttas).

importante do que produzir mais.

4 | DESAFIOS E PONTOS CRÍTICOS

Em relação a 2014, o Brasil estagnou no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), no valor de 0,754 e, no *ranking*, mantém a posição 79, entre 188 países. Na América do Sul, o Brasil é o 5º país com maior IDH. Chile, Argentina, Uruguai e Venezuela aparecem na frente. No caso da Argentina, Chile e Uruguai, todos os indicadores são maiores que os brasileiros. Em relação à Venezuela, o Brasil apresenta melhores números para esperança de vida ao nascer e anos esperados de estudo, mas Renda Nacional Bruta (RNB) *per capita* e média de anos de estudo menores.

Considerando os 78 países analisados com IDH melhor que o Brasil, apenas Andorra, Arábia Saudita, Seicheles e Maurício tiveram desenvolvimento humano mais acelerado que o brasileiro, entre 2010 e 2015. Entre 1990 e 2015, dos 65 países com IDH mais alto, e com essa informação disponível, somente Cingapura, Croácia, Maurício, Irã e Turquia tiveram crescimento do seu desenvolvimento humano maior ou igual ao brasileiro. Nesse período (1990-2015), os brasileiros ganharam 9,4 anos de expectativa de vida, viram a renda aumentar 31,6% enquanto, na educação, a expectativa de anos de estudo para uma criança que entra no ensino em idade escolar aumentou três anos e a média de anos de estudos de adultos com 25 anos ou mais subiu quatro anos.

Ano	Expectativa de vida ao nascer	Expectativa de anos de estudo	Média de anos de estudo	RNB per capita (2011 PPP\$)	IDH
1990	65.3	12.2	3.8	10.746	0,611
1995	67.6	13.3	4.6	11.238	0,649
2000	70.1	14.3	5.6	11.339	0,685
2005	71.9	13.8	6.1	12.117	0,698
2010	73.3	14.0	6.9	14.173	0,724
2011	73.6	14.2	7.0	14.580	0,730
2012	73.9	14.2	7.2	14.472	0,734
2013	74.2	15.2	7.3	14.582	0,747
2014	74.5	15.2	7.7	14.858	0,754
2015	74.7	15.2	7.8	14.145	0,754

Tendências do IDH do Brasil com base em dados de séries temporais consistentes

Fonte: Relatório de Desenvolvimento Humano. 2016.

5 | POBREZA NAS ARTES PLÁSTICAS

A pobreza tem sido frequentemente retratada nas artes. Cinema, pintura e literatura são os formatos mais utilizados para expor as mazelas da sociedade. Aqui qualquer semelhança não é mera coincidência. No caso brasileiro, a importação de sonhos e

ilusões pré-fabricadas em Hollywood deixou o público abestalhado, foi hostil à vida nossa de cada dia e a crítica dissimulada de suas falhas e erros, anunciando seus inimigos e justificando suas próprias ideias. O cinema tem se utilizado da pobreza para promover a sétima arte independente dela. Contraditório? Pode ser de todo modo tem feito ‘sucesso’. Filmes, documentários, pinturas, grafite, sobretudo ao gosto da gente perfumada de Nova York, Paris, Dubai ou Roma, que veem e usam a pobreza como mote para fazer arte, sem que ela, na maioria das vezes, chegue ao cidadão retratado e, quando chega o sujeito não se reconhece, salvo raras exceções. Como dizia Bourdieu, “*bom gosto se ensina e se aprende*”.

No filme “**Quanto vale ou é por quilo**” (direção: Sergio Bianchi. 2005.) a classe média toma a forma de uma senhora que faz analogia entre o antigo comércio de escravos e o *marketing* social que produz uma solidariedade de faz de conta, uma caridade pra se sentir em paz consigo mesma. Uma caridade discutível é verdade, pois não faz questão de esconder a ojeriza pelos pobres que a cercam, esnoba seus sentimentos e usurpa sua condição de excluídos. No fundo, é o que a maioria pensa sobre essa condição de 13 milhões de brasileiros, legitimado, inclusive, por muitos que fazem parte da situação. A sociedade não escravista apresenta, por exemplo, via empréstimos consignados, um novo formato de escravidão, ao prender ‘eternamente’ o requisitante do empréstimo ao seu “dono”, o banqueiro, jura fidelidade ao ‘capataz’ – gerente. Podemos buscar outra ação misericordiosa da mídia social se analisarmos o “criança esperança”, uma aparente ação caridosa da Rede Globo de Televisão, em parceria com a UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância). Na verdade, O dinheiro não é da Globo, os espaços não são da Globo, os pobres não são da Globo, os donos da Globo e seus mais altos escalões sequer participam do evento, mas a Globo é o exemplo de instituição que pratica caridade com um arremedo de classe média que digita o tal 0800, mais alguma coisa, pra fazer sua doação e poder dormir à noite, porque algumas centenas de crianças receberão, dali a alguns meses, alguns computadores, a reforma de creche, ou materiais e brinquedos. Feito isso, todos dormirão o sono dos justos e a pobreza não mais assolará suas vidas. Todos abominam a escravidão moderna, mas lotam as lojas de departamento ou as centenas de lojas da rua 25 de março em São Paulo, pra consumir produtos chineses mais baratos exatamente porque usufruem da mão-de-obra escrava moderna. Ninguém olha a etiqueta de fabricação, o que vale é o quilo, não a qualidade.

Mas, de acordo com Ferreira,

Tudo muda em meados do século XVIII quando a caridade se transforma em filantropia, entendida como a caridade cristã laicizada: “fazer o bem” deixa de ser uma virtude cristã para ser uma virtude social. Na ética protestante há um componente mundano no ascetismo pela necessidade de demonstrar não somente a Deus mas aos outros a renúncia e sacrifício do indivíduo como forma de provar a todos ser um merecedor das graças divinas. Por isso, a filantropia passa a ser um gesto de utilidade e tem na publicidade a sua maior arma: a busca da visibilidade que só acirra a rivalidade entre os benfeitores. Mas na atualidade descobriu-se que a filantropia pode ir além de meramente

Se as crianças pobres – as da corte ao menos figuravam nas pinturas de grandes artistas - são alçadas como humanos e parte da história, no fim do século XIX, no cinema elas aparecem apenas em meados do século XX e, diferente do cinema do Oriente Médio, o cinema europeu e o americano querem contar uma história com a percepção do adulto, a criança é só um figurante. Ao contrário, o cinema iraniano, por exemplo, deixa a criança contar a história, navegar no enredo, dirigir a trama, os adultos aparecem esporadicamente. O que nos assemelha? A pobreza. Mas o espelho é lá, é outro. Aqui, o menino favelado, vítima do sistema, vira a esmeralda do cinema nacional. O cangaceiro, filho do camponês, para vingar a violência praticada por um proprietário de terra ou pela polícia, se torna bandido e vive da violência; a eles, outros se agregam com motivos similares por não poder suportar as condições de vida a que estão submetidos (Bernardet. 2007. p.59). Mas os pobres, de modo geral, não se reconhecem nessa empreitada, eles querem vencer na vida honestamente, trabalhando, consumir os frutos do capitalismo, da tecnologia, da ciência. O pobre não quer eliminar a sociedade do dinheiro, das compras, dos *shoppings*, das viagens, dos *smartphones*, eles querem fazer parte dela. E agora que o cinema tomou a classe média como mote, percebemos a falta de objetividade, incapacidade de agir, as pessoas se encontram entre dois polos: na alienação e no marasmo das personagens de Zulmira e Valquíria, do filme *A falecida* (1965), de Saraceni.

O homem pobre, futuro classe média, é o Paulo Honório de São Bernardo, que executa um plano para ter a propriedade. Maltrata a esposa Madalena que, ao contrário dele, é sabe ler e escrever; elimina seus opositores, faz acordos com o juiz, com o padre, o político. Ele não se preocupa com as letras, ele quer terra, cabras, homens para mandar, cobrar juros. A miséria e a pobreza são o cenário de Graciliano Ramos (São Bernardo), de Clarice (O quinze), de Guimarães (Grande Sertão: veredas), MV Bill (Falcão – meninos do tráfico), de Soares (Cabeça de Porco), entre tantos outros.



Fonte: Lasar Segall – interior de pobres (1921)

Em outras imagens, Segall transpõe para a sua obra um sentimento de tristeza e miséria, como se, de fato, a condição de possuidor de poucos bens materiais fosse determinante para uma situação de felicidade. As expressões no rosto de cada pessoa transparece uma situação de pena; ao fundo, o defunto completa a cena que, na representação popular, reforça a ideia de que “na outra vida tudo será melhor”. A miséria se apresenta na falta de bens (tons pastéis na pintura acentuam essa ideia). Aqui a morte não tem a mesma leveza e poesia do texto de Saramago. Assim como em ‘retirantes’ de Portinari, a morte é a visão negativa da passagem, da transladação. O contraditório é que a tela chama mais atenção do que o fato real, e isso nos remete à observação de Jean Claude Bernardet (2014),

“a esteticização da pobreza, sobretudo no cinema brasileiro, cria o discurso do consenso, além disso, chama para a piedade, a bondade e a lamentação da infelicidade, uma vez estetizada, a miséria fica despolitizada, virou o achado da classe média”.

Em outro artista brasileiro – Portinari - a obra também tem o tom de retratar a pobreza, sua penúria, sua falta. As cores escuras ou amareladas, sem vida, a falta de vegetação, as pessoas esqueléticas, animais raquíticos. “Os retirantes”, “enterro na rede”, “criança morta”, “o café”, “o lavrador de café”, “roda infantil”, “os despejados”, “o pranto de Jeremias” são obras em que a pobreza se apresenta. Não estou julgando o artista, estou afirmando que, na arte, até a miséria fica bonita, ganha plasticidade, ganha leveza, mas como brasileiro não lê, não vai a museus, nem a galerias de arte, o tema não faz parte de seu cotidiano.



Fonte: Candido Portinari – retirantes (1944)

A obra de Portinari *Os retirantes*, de 1944, em especial, que figura em um dos módulos da pós graduação em Educação, Pobreza e Desigualdade Social (Secadi/Mec), retrata uma família de retirantes que foge da seca, da miséria e da fome. Essa família é composta por nove membros e, olhando atentamente, percebe-se que a mulher carrega mais um em seu ventre. Aparentemente a família é composta pelo patriarca, um senhor mais velho que se encontra à esquerda da pintura. Na sua frente, provavelmente a neta mais velha, que segura um de seus irmãos. A mãe de todas as crianças se encontra ao fundo, com um bebê no colo e grávida de outro e segurando, em sua cabeça, uma trouxa. Ao seu lado, o pai, segura uma das crianças pela mão e tem outras duas ao seu lado, sendo que, na outra mão, o pai carrega uma pequena trouxa que provavelmente contém os únicos pertences da família.

A expressão no rosto de um deles é a mesma, uma expressão triste e mesmo apelativa, um pedido de ajuda para acabar ou minimizar todo o sofrimento passado por eles. A paisagem é sombria e deserta, cores neutras e nuvens e urubus completam o cenário. Todos estão descalços em um terreno irregular, em meio a pedras e pedaços de ossos, usando farrapos de roupas e alguns chapéus para se proteger do sol escaldante da região que torra. A morte é um elemento implícito na obra, mas, quando vemos esta obra, flui um pensamento recorrente pela imagem da família, pelo cenário sombrio, pelas cores que o artista utilizou. Sobre a pena, o desejo que eles encontrem comida, água e

trabalho. É com este apelo social que a classe média da sociedade encontrou uma forma de tratar o problema de quem vive miseravelmente (Silva, 2010).

Conseguimos observar também que, através da arte, é possível levar educação, informação e provocar a reflexão acerca de vários temas, neste caso, o da pobreza, da desigualdade social. A arte não é somente uma obra para se observar e cultuar. Como agente social, ela pode ser uma grande ferramenta propulsora para que as pessoas tomem consciência de que, para uma reversão do quadro de miserabilidade social e cultural que avança em escala global, será necessário que a uma reflexão corresponda sempre a uma ação afirmativa com essa finalidade.

Por fim, não gostamos da pobreza, da falta, da carência. E, como nós, a escola também não. A pobreza chega à escola no corpo físico dos alunos e professores, mas estes últimos não se consideram pobres, todavia moram no mesmo bairro que seu aluno, frequentam a mesma Igreja, vão ao mesmo mercado. Falamos de pobreza na escola, mas ela está distante e estamos sempre falando do outro.

A pobreza chegou à escola por imposição teórico-jurídico, via uma regra moral ou diretriz pedagógica. Não chegou como objeto material que envolve crianças e adultos. “Ela esta nos livros de literatura, “Vidas Secas”, “O Quinze”, “Os sertões” mas o povo não lê literatura, logo não reflete sobre ela.

A pobreza chega a algumas escolas por meio da fotografia dos livros didáticos, ou das fotos belíssimas de Sebastião Salgado, homem de extraordinária sensibilidade que nos provoca inveja, chegamos mesmo a imaginar que, com uma boa máquina fotográfica, podemos fazer o mesmo. A pobreza chega à escola por meio do cinema em “Vida e morte Severina”, “Central do Brasil”, “Dois filhos de Francisco”, “Quanto vale ou é por quilo” e sai tão logo o filme se acaba, pois ele não é um recurso pedagógico, só um recurso pra suprir o tempo do professor, ou porque é *chick*. E como o povo não vai à exposição de arte e prefere os filmes de *Hollywood*, a pobreza não participa de sua vida, embora, em seu meio, a pobreza reine.

Retomo ainda Bernardet:

“Grande parte da produção literária, teatral ou cinematográfica envolve as mesmas regras do mercado de luxo: arte decorativa, os espelhos, o vermelho e dourado, o requinte progressivo da moda, a publicação de livros de culinária, o impulso do turismo, o aumento dos clubes de campo [...] uma cultura que tem como critério apenas a qualidade é uma cultura morta, ainda mais quando de ‘boa qualidade’ se torna sinônimo de consumível. Eis a cultura que a maior parte da classe média brasileira culta se mostra atualmente apta a produzir e consumir” (BERNARDET. 2007. p. 24ss).

Em “O Mito da Marginalidade” (Paz e Terra, 1981), a pesquisadora brasilianista Janice Perlman demonstra, com pesquisas empíricas feitas em favela no Rio de Janeiro, como os favelados são funcionais ao sistema, desde como reserva de mão-de-obra barata, garantia de emprego de assistentes sociais, sociólogos e urbanistas, até culturalmente

como insumos vitais à cultura pop de classe média com suas gírias, música, comidas etc.

Hoje, a escravidão é cínica e repetida como farsa. Depois da era neoliberal dos tempos de Fernando Henrique Cardoso e o sucateamento do Estado que entrega para o Terceiro Setor o gerenciamento das mazelas sociais, a velha filantropia tornou-se *marketing* social: a pobreza dos derrotados da meritocracia se transforma em estímulo mercadológico da esperança. Vemos agora a PEC da terceirização, a reforma da previdência, a reforma trabalhista e o pobre, imóvel, frente a tudo isso. É como se o capitão do mato que recupera uma escrava grávida fugitiva para garantir a permanência do seu filho e a paz da sua família fosse uma tragédia brasileira de um passado onde a violência era escancarada, explícita em um cotidiano violento: a religião era um mero conforto para anestesiar a indignidade.

6 | À GUIA DE FINALIZAR

Walter benjamim em seu texto “experiência e pobreza” (1933) nos conta a parábola de um pai que diz aos filhos que no seu vinhedo há um tesouro enterrado. Após a morte do ancião, os filhos cavam o terreno, mas nada acham. Com a chegada do outono, as vinham produzem mais do que qualquer outra da região e assim os filhos compreenderam o que quisera lhes dizer o velho pai: o tempo lhe dá certa experiência. Segundo o autor, com as novas formas de tecnologia e saber surge uma nova forma de miséria. Quanto mais enclausurados em nossas vidas maior a pobreza de experiências se revela, galvanizada no individualismo do cyber espaço, do e-book sem cheiro e sem cor, das amizades e romances virtuais, das histórias não contadas aos filhos por seus pais. Contador de histórias virou profissão. E esta miséria não é minha, é nossa. E daí surge a barbárie. Barbárie que para Nietzsche se concretiza na universalização da cultura. Quanto mais universal, menos experiências plurais, mais pobreza generalizada.

Mais tecnologia no campo, maior a produção anual de alimentos, todavia a fome continua grassando e ceifando vidas aos milhares. A medicina está na prateleira e o doente ali muito próximo, separado por algumas dezenas de dólares, por uma licitação corrompida pela falta de ética do homem público. Feito vidro que não cola em nada, o homem tem se construído não para aspirar novas experiências, mas para libertar-se delas. Frio e liso, o homem vidro incorpora o personagem Mickey fatigado com as complicações da vida diária veem a vida como ponto de fuga cuja existência se basta a si mesma. Em seus edifícios, quadros e narrativas a humanidade se prepara, se necessário, para sobreviver à cultura. E o que é mais importante: ela o faz rindo.

Os 53 milhões de pobres e miseráveis do Brasil segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística na PNAD de 2014, só nos comovem na tela do cinema ou numa reportagem relâmpago da TV que logo se segue à previsão do tempo e, no conforto do

meu sofá, com o controle ao alcance da mão, degusto um saco de pipocas de microondas com uma coca cola. Nada de estourar a pipoca do milho e espremer umas laranjas pra um suco de acompanhamento. Melhor se tudo isso puder ser pedido via *Ifood*, sem louça suja, sem cheiro de banha de porco pela casa, ‘sem perder tempo’, pois tempo é dinheiro. Mais feliz com menos experiências.

Os dados mais recentes no Brasil apontam um crescimento da extrema pobreza nos últimos três anos. O governo de Jair Bolsonaro represou 1 milhão de novas concessões de bolsa família. As reformas da previdência, fiscal e tributaria estão jogando milhares de trabalhadores com ou sem registro legal na incerteza de um futuro sem perspectivas. De acordo com fundação Getulio Vargas (2019) em 2008 a miséria atingiu seu menor índice (8,38%) e voltou a subir daí em diante chegando em 2019 na casa dos 13%.

Comida, saneamento, educação, respeito as diferenças, convívio integral com o meio ambiente, percepção do outro como parte do que me completa poderia ser a chave para a concretização da frase inicial do romance de Saramago “*no dia seguinte ninguém morreu*”. Nem de fome, nem por causa das guerras, nem por xenofobia, nem pela disputa de propriedades, nem por inveja, nem por falta de solidariedade. Todos viveram esperançados livres.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Trad: Alfredo Bosi. São Paulo. Martins Fontes. 2000.

BENAIM, Eduardo; CANNITO, Newton & BIANCHI, Sergio. **Quanto vale ou é por quilo**. Coleção Aplauso Cinema Brasil. Imprensa Oficial. São Paulo. 2008.

BERNARDET, Jean C. **Brasil em tempos de cinema - ensaio sobre cinema brasileiro de 1958 a 1966**. Cia das Letras. 2007.

BENJAMIM, Walter. **Experiência e pobreza**. In: obras escolhidas. Tradução de Sergio P. Rouanet. São Paulo. Brasiliense. 1987.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. **Negociações da agenda de desenvolvimento pós-2015: elementos orientadores da posição brasileira**. Brasília. 2014.

CALVARIO, Patrícia J. do Nascimento. **Filosofia e pobreza em Boaventura de Bagnoregio**. Dissertação de mestrado. FLUP. Porto. 2009.

CANDATE, Luana P. & VELOSO, Maria T. **A miséria e a fragilidade humanas sob o olhar da arte: uma leitura em obras de Carter e Portinari**. *Revista Língua & Literatura*, v. 16, n. 27, p. 110-120, dez. 2014.

FERREIRA, Wilson. Da caridade ao cinismo do marketing social em “Quanto Vale ou é por Quilo?”. *Revista Forum*. 2014.

GUIMARÃES, Maria & MARCOLIN, Neldson. **Um crítico contra a estética da miséria**. *Revista Pesquisa Fapesp*. 2014.

MARX, Karl. **Crítica à filosofia do Direito de Hegel**. Trad: Eduardo Velinho. s/d.

MARIZ, Cecília Loreto. **A religião e o enfrentamento da pobreza no Brasil**. Revista crítica de Ciências Sociais. N. 33. 1991.

MEDEIROS, Andrea B. **Pobreza, relações étnico raciais e cotidiano escolar: narrativas do viver**. Revista Brasileira de Educação v. 16 n. 46 jan.labr. 2011.

NETO, Manuel Alves da Rocha. **Possibilidades de leitura na obra “Os retirantes”, de Cândido Portinari**. Minas Gerais: Uberlândia, 2006.

Organização das Nações Unidas. **The Sustainable Development Goals Report**. Nova York. 2016.

PEREIRA, Victor H. A. **Criminalização da pobreza e literatura da miséria**. Ver. Ipotesi. V. 15. N. 2. Juiz de Fora. 2011.

PINTO, Paulo M. **Pobreza e religião numa geopolítica - questões para um futuro projecto de investigação com base no Relatório Gallup**. Observatório da religião. volume I, no. 02, jan.-jun. 2015, p. 178-192.

SARAMAGO, Jose. **As Intermitências da morte**. Caminho – campo da palavra. Lisboa. 2001

SENECA. **Sobre La felicidad**. Tradução e comentários: Julian Marias. Madrid. Alianza Editorial. 2003.

SILVA, Antonio A. R da. **Análise da “Série Retirantes” de Cândido Portinari à luz dos estudos tillichianos sobre as artes plásticas**. Revista Eletrônica Correlatio n. 17 - Junho de 2010.

TIPIPKA. Suttapilaka. Dighanihya. **The long discourses of the Buddha : a translation of the Digha Nihya**. Tradução Maurice Walshe. Wisdom publications. Boston. 1996.

<http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2015/11/um-pais-menos-desigual-pobreza-extrema-cai-a-2-8-da-populacao>. acesso em fev 2017.

<https://www.wpp.org.br/pt-br/pobreza-cai-mas-ainda-aflige-767-milhoes-de-pessoas-no-mundo-veja-dados-atualizados> acesso em fev 2017.

<http://santotomasdeaquino.verboencarnado.net/capitulo-cxxxiii-como-la-pobreza-es-buena/> acesso em Nov 2016.

<http://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/presscenter/articles/2017/03/21/relat-rio-do-pnud-destaca-grupos-sociais-que-n-o-se-beneficiam-do-desenvolvimento-humano> acesso em 14 de abril 2017.

<http://www.budismo.net/t8.php> acesso em 15/04/17.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Arduíno 141, 142, 143, 144, 145, 150

B

Bacia Hidrográfica 41, 44, 52, 53

Bacillus Anthracis 115, 116, 118, 129, 130

Big Data 131, 132, 134, 135, 136, 139, 140

C

Capitalismo 47, 105, 108, 138, 140, 188, 220, 226, 250, 255, 261, 265, 266, 276, 277, 278, 279, 288

Competitividade 156, 179, 184, 186, 187, 194, 195, 280

Conflitos Ambientais 66

Corporeidade 78, 79, 215, 217, 218, 219, 222, 223, 224, 225

Crowdfunding 228, 229, 230, 231, 232, 239, 240

Custo de Focalização 276, 283, 284, 285

E

Economia Criativa 228

Eficiência na Produtividade 167, 169

Eletrônica Embarcada 141

Empresa Familiar 196, 198, 205

Escala de Avaliação 207

Esfera Pública 244, 245, 249, 250, 251, 253, 254, 256, 258, 261, 263, 264, 266, 267, 268, 272, 274

Espaço Rural 90

Estética 2, 36, 99, 113, 223, 224, 225, 226

F

Filosofia 24, 98, 99, 113, 155, 156, 246, 258, 260

Financiamento no Brasil 228

Fontes de Recursos 228

Fronteira 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 21, 61, 63, 76, 77, 80, 240

G

Gerações 196, 198, 200, 204, 280, 282, 286

GovData 131, 132, 133, 134, 135, 137, 139

Governamentalidade Algorítmica 131

Guerra 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 115, 118, 130, 155, 184, 185, 186, 191, 192, 194, 262, 270

H

Hidrelétricas 66, 67, 70, 74

Homicídios 65, 66, 68, 71, 72, 73

I

Identidade Racial 215, 220, 222

Imigrantes 15, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 26, 31

Indústria 4.0. Manufatura Aditiva 167, 291

J

Jürgen Habermas 251, 254, 274, 275, 291

L

Lean Six Sigma 151, 152, 291

Logística 45, 171, 173, 178, 291

M

Modernidade 15, 16, 18, 19, 22, 23, 24, 25, 30, 40, 220, 227, 241, 242, 243, 245, 248, 253, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 264, 266, 267, 268, 269, 274, 291

N

Nacionalização 15, 18, 19, 22, 23, 26

Notificação Compulsória de Doenças 207, 291

P

Paisagem Urbana 28, 39, 291

Participação Política 90, 273, 291

Pedagogia Antirracista 215, 217, 219, 222, 223, 224, 225, 291

Pescadores Artesanais 41, 43, 44, 47, 48, 50, 51, 53, 291

Placa Microcontroladora 141, 142, 143, 144, 145, 146, 149, 150, 291

Pobreza 77, 81, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 277, 282, 283, 291

Polícia Civil 1, 2, 6, 11, 13, 291

Produtividade 41, 43, 45, 50, 93, 166, 167, 168, 169, 170, 189, 291

R

Racionalidade Neoliberal 131, 291

Rastreabilidade 178, 179, 180, 181, 182

Redes 14, 49, 50, 53, 82, 83, 84, 85, 88, 97, 122, 142, 144, 149, 150, 271

Religião 99, 100, 101, 104, 105, 112, 114, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 268, 269, 272, 273, 274, 275

Renda Básica Incondicional 276, 279, 280, 281, 282, 285, 286, 287

S

Secularização 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 252, 254, 255, 256, 257, 258, 260, 261, 263, 264, 266, 268, 270, 271, 272

Sistema Japonês de Produção 184, 185, 187, 193, 194, 195

T

Tecnologia 108, 112, 133, 134, 136, 144, 149, 160, 168, 169, 172, 173, 175, 176, 178, 202, 235, 238, 285

Teoria Contemporânea 241

Teoria Sociológica 241, 250

Território 9, 10, 11, 13, 37, 55, 56, 60, 63, 66, 71, 81, 101, 128, 213

V

Vigilância em Saúde 207, 208, 209, 210, 211, 213, 214, 291

Violência 8, 11, 24, 49, 56, 57, 59, 61, 63, 64, 65, 68, 71, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 108, 112, 220, 222, 234, 270, 291

Vitalidade Urbana 28, 33, 34, 291

W

Whatsapp 1, 2, 3, 8, 291

ESTÉTICA E POLÍTICA NAS CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Atena
Editora

Ano 2020

ESTÉTICA E POLÍTICA NAS CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 


Ano 2020